
COMUNICAR A MEMÓRIA E A IDENTIDADE NOS TERRITÓRIOS DA CIDADE: por uma narrativa das migrações históricas em Santos/SP

COMMUNICATING MEMORY AND IDENTITY IN THE TERRITORIES OF THE CITY: for a narrative of historical migration in Santos City

WELLINGTON TEIXEIRA LISBOA

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: Este estudo, que se atém a um recorte temporal alusivo à segunda metade do século 19, focaliza uma das evidências do processo histórico que levou a cidade de Santos, localizada no litoral de São Paulo, a se configurar como um território multicultural: as associações de imigrantes. Por meio dos métodos de levantamento bibliográfico e da pesquisa documental em fontes primárias e secundárias, constata-se que os vínculos comunicacionais estabelecidos por sujeitos de distintas nacionalidades possibilitaram não apenas a afirmação de suas memórias e identidades coletivas, mas também a fundação, no solo santista, de instituições associativistas que, em alguns casos, atravessam e ainda sobrevivem ao tempo, narrando um dos capítulos da formação espacial e demográfica, multicultural, deste município.

Palavras-chave: associativismo; comunicação; imigração; território; Santos.

Abstract: This study focuses on one of the evidences of the historical process that led the city of Santos, located on the coast of São Paulo, to configure itself as a multicultural territory: the immigrant associations, in the second half of the 19th century. It is based on the documentary research in primary and secondary sources to verify that the communicational bonds established by subjects of different nationalities enabled not only the affirmation of their collective memories and identities, but also the foundation, in Santos City, of associative institutions. Some of these associations cross and still survive time, narrating one of the chapters of the spatial and demographic, multicultural formation of that city.

Keywords: associativism; communication; immigration; territory; Santos City.

1 INTRODUÇÃO

[...] cada cidade é um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa. Nesse curioso processo de superposição de tramas e enredos, as narrativas são dinâmicas e desfazem a suposta imobilidade dos fatos. Personagens e acontecimentos são sucessivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade a atores e lugares (PESAVENTO, 2007, p. 17).

A noção do território como construto socioespacial tem se desenvolvido, especialmente, no seio do campo de conhecimento da Geografia Humana e de seus desdobramentos analíticos e investigativos, como nas correntes de estudo da Geografia Política, da Geografia Cultural, da Geografia Social e Econômica, entre outras. Desde Friedrich Ratzel, um conjunto de autores como Claude Raffestin, Paul Claval, Paul Vidal de La Blache, Milton Santos, Rogerio Haesbaert tem reconhecido o processo de transformação coletiva dos espaços em territórios, pela via dos usos sociais e dos sentidos atribuídos, a cada tempo, pelos sujeitos e instituições que os habitam.

Nesse movimento epistemológico, assume-se o pressuposto teórico, tal como Raffestin (1993) já havia enfatizado, que o espaço é dinâmico e vivo, por isso mesmo há a necessidade de se focar as relações comunicacionais cotidianas como responsáveis pela produção de territórios e, em simultâneo, como realidades também modificadas por eles. Os territórios das cidades, dos vilarejos, das praças, dos bairros constituem, nessa linha de pensamento, o produto do esforço coletivo dos homens, não devendo, portanto, haver qualquer tipo de dissociação entre os traços urbanos de ordem humana e os seus contextos físicos de interação social. Em outras palavras, os meios também são formatados pela diversidade dos modos de vida que se desenrolam em seus interstícios, “fabricando” itinerários múltiplos, por dinâmicas de comunicação entre os interlocutores da relação.

Mais do que um processo ordenado e linear de repasse de informações, a comunicação, nesse viés, se caracteriza como um movimento reticular de sujeitos em mútua afetação (WOLTON, 2011), que compartilham, não sem disputa de poder,

idéias, sentidos e referenciais elaborados no espaço e no tempo. Pela linguagem, são os seres humanos que constroem experiências sociais que lhes garantem, no solo, o alinhavar de memórias e identidades individuais e coletivas com as quais e pelas quais a vida, no seu decurso, se reveste de significados.

Na transição entre os séculos 19 e 20, a cidade de Santos, localizada no litoral paulista, se configurou como um território de migrações internacionais. Isso quer dizer que, compreendida como o espaço habitado que congrega uma miríade de relações socioculturais e institucionais nas suas vias, esta cidade protagonizou um complexo processo de composição e recomposição das matrizes que passaram a identificá-la, narrá-la como um território de imigrantes (LISBOA, 2015). Desde aquela virada de séculos, distintos grupos populacionais oriundos de diferentes países deram continuidade aos seus projetos de vida e, nas suas práticas comunicacionais do cotidiano, atribuíram forma, conteúdo e sentidos múltiplos a essa urbe portuária com evidência na geografia paulista, em termos econômicos, políticos, demográficos etc.

Assim, uma trama multidimensional de enredos comunicacionais tecidos por imigrantes delineou os contornos peculiares da ambiência humana que, desde então, constituiu as “faces” desta cidade, na sua heterogeneidade de culturas. No novo solo de relações, os imigrantes passaram a codificar os signos que narraram e que ainda narram a memória e o devir da população de Santos, que, nas décadas oitocentistas, com particular expressão no fim do século, se recompôs, com outros sotaques, hábitos, linguagens, imaginários, religiosidades, arquitetura, ou seja, novas formas de habitar o espaço e nele conceber os sentidos da vida, na interação com o outro.

O presente estudo, que se atém a um recorte temporal alusivo à segunda metade do século 19, com o respaldo dos métodos de levantamento bibliográfico e da pesquisa documental em fontes primárias¹ e secundárias, focaliza um dos registros desse processo histórico de composição da Santos multicultural: as agremiações, os clubes e as associações de imigrantes. Foram os vínculos comunicacionais que possibilitaram a existência dessas entidades de importância inconteste na trajetória de vida dos imigrantes em solo santista e na própria formação e remodelação desta cidade, não apenas em termos materiais, visíveis, mas também na esfera do simbólico.

¹ Recenseamentos imperiais e do governo de Santos, fotografias históricas, visitação e contato direto com as associações de imigrantes ainda em funcionamento, entre outros recursos.

2 VESTÍGIOS URBANOS: PRIMEIRAS ASSOCIAÇÕES DOS IMIGRANTES EM SANTOS

A compreensão do município de Santos nos seus aspectos demográficos e culturais, entre outros, requer a leitura acerca de um conjunto de referenciais discursivos à disposição não apenas nos arquivos de documentação histórica como também nas marcas que ainda resistem em seu solo. Sabe-se que, como construto socioespacial, um *continuum* (HAESBAERT, 2004), os territórios são “fabricados” pelas distintas territorialidades empreendidas nos cotidianos dos sujeitos e dos grupos, posto que são eles os agentes que, ao interagirem, vivenciam culturalmente os espaços e transformam-nos em territórios do vivido, como concordam autores como Santos (1997), Raffestin (1993), Haesbaert (2004) e outros estudiosos do campo da Geografia Humana.

Se o conceito de território é problematizado por esse viés, a presença dos imigrantes e suas sociabilidades levadas a cabo, pela comunicação, no território social santista certamente não deixariam de produzir os traços materiais e simbólicos que fizeram de Santos o que, afinal, se tornou, uma cidade multicultural. Como conceitua Touraine (1995), o território multicultural sugere a convivência de indivíduos que produzem uma pluralidade de expressões identitárias, sujeitos que, não sem situações de conflito e negociações de toda ordem, habitam o mesmo solo e manifestam as projeções de suas identidades e os seus sentimentos de nacionalismo.

Fato é que, na segunda metade de 1800, Santos começou a se desenhar como polo receptor de levas de imigrantes, no dealbar do emergente ciclo paulista do café. O avanço da economia cafeeira e da ainda frágil estrutura operacional à disposição para a sua comercialização fomentou o adensamento das correntes de estrangeiros quer para o trabalho braçal nas lavouras do interior do Estado, quer para o comércio e para as atividades operacionalizadas nas adjacências do porto santista (LANNA, 1996).

O levantamento censitário imperial de 1872 registrou 9.191 habitantes em Santos, sendo 168 estrangeiros, dos quais 61 africanos na condição de escravos, 42 africanos livres, 62 portugueses e três italianos (FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE, 1872). Na somatória, esses dados expõem uma pequena diferença frente ao número apresentado pelo censo produzido, naquele

mesmo ano, pelo governo de Santos, em que constam 9.151 moradores (SANTOS, 1914). No que concerne especificamente aos estrangeiros, as incompatibilidades estatísticas são notórias: enquanto o documento da administração imperial certificou a quantidade de menos de 200 estrangeiros residindo no território santista, a comissão censitária local detectou 1.577 indivíduos de nacionalidades diversas (portugueses, alemães, franceses, espanhóis, norte-americanos etc). Essa divergência, convém frisar, é reconhecida e claramente criticada no relatório municipal, no qual incisivas suspeições são desferidas quanto à credibilidade dos métodos adotados naquela contagem populacional que abrangeu todo o território do Império e, inclusive, quanto aos interesses que a salvaguardaram.

Representando em torno de 17% da população residente no município em 1872 e tendo como volume mais expressivo o grupo dos portugueses, esses estrangeiros não integravam o movimento da “grande imigração” (BASSANEZI, 1996) no Brasil, impulsionado na década seguinte. Inseriam-se, isto sim, na política de colonização portuguesa imperante por mais de três séculos em solo latino-americano e também nas relações de comércio externo com outros reinos europeus, para não dizer da abertura dos portos ao comércio entre nações tidas como “amigas” pelo então monarca D. João VI. Além disso, vale considerar os projetos de povoamento que já atraíam suíços, alemães, poloneses e sujeitos de outras nacionalidades para constituírem suas vidas nas férteis terras ao Sudeste e ao Sul (TRUZZI; BASSANEZI, 2013).

De todo modo, inter cruzando as estatísticas sistematizadas pelo censo santista e o levantamento populacional sob a responsabilidade do governo imperial, ambos datados de 1872, emergem indicadores deveras significativos: a) do total de estrangeiros distribuídos em toda a província de São Paulo, 29.622 indivíduos, 5,3% localizavam-se em Santos, computando 1.577 pessoas; b) excluindo-se os africanos nas condições de cativos e libertos, o contingente de estrangeiros em toda a região provincial não ultrapassava o equivalente a 2% dos seus habitantes; Santos, por sua vez, contava com 14,4% de estrangeiros em sua população, também excluindo dessa contagem os sujeitos provenientes do continente africano c) por fim, 13,8% dos

portugueses identificados em toda a extensão da geografia paulista residiam nesse município litorâneo.

Não por acaso, já em 1859, um grupo de negociantes portugueses havia fundado a Sociedade Portuguesa de Beneficência, que daria origem ao segundo hospital construído nessa cidade, inaugurado oficialmente em 1878, e que colaborou de forma ativa com o equacionamento dos atendimentos prestados pela Santa Casa da Misericórdia, fundada também por portugueses, em 1543 (PEREIRA; FRUTUOSO, 2009). À medida que crescia esse grupo populacional com o qual o Brasil mantinha fortes vínculos histórico-culturais, econômicos e políticos, mas que sequer se comparava ao perfil e ao número dos sujeitos que protagonizariam, nas décadas seguintes, o ápice do fenômeno demográfico da “grande imigração”, alguns empreendimentos passaram a compor o cenário urbano que se transfigurava nesse litoral. A fundação, em 1869, de um clube sociorrecreativo voltado ao lazer, à produção artística, ao esporte e também às possibilidades de interação entre os brasileiros e alguns portugueses, o Clube XV, inseriu-se nessa dinâmica de reconstituição dos espaços santistas de meados do século, viabilizada por redes de comunicação e de convívio naquele cenário.

O Clube XV, “que se proclama o mais antigo clube social brasileiro em atividade permanente desde então” (GONÇALVES, 2005, s/p.), foi um dos principais palcos de atividades carnavalescas e de saraus dançantes e musicais em Santos, congregando brasileiros, filhos de portugueses, imigrantes dessa nacionalidade e outros estrangeiros pertencentes a uma elite local ou a uma classe social relativamente abastada. Uma década após a fundação deste clube, instituiu-se a Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos, presidida, em sua maioria, por portugueses, muitos dos quais integrantes dos quadros associativos da Sociedade Portuguesa de Beneficência (PEREIRA; FRUTUOSO, 2009).

Até as duas últimas décadas do século 19, os cerca de mil portugueses residentes em Santos constituíam, de fato, o mais expressivo coletivo de imigrantes. Além desses, a historiografia registra um contingente de estrangeiros de nacionalidade alemã não superior a 150 pessoas, entre os quais constam os empregados no trabalho de interligação físico-geográfica entre Santos e Cubatão, povoado localizado no sopé

da Serra do Mar, ponto estratégico de circulação de mercadorias entre o porto santista e o planalto. A presença germânica na manutenção das obras viárias, inclusive, já havia sido notada pelo missionário metodista norte-americano Daniel Kidder, quando de sua curta estada nesse litoral, em 1839, narrada em *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*, texto publicado pela editora da Universidade de São Paulo, Edusp, em 1972.

Não obstante esses fluxos pontuais de trabalhadores, Camargo (2006) assegura que havia alemães que desempenhavam atividades no comércio, os que eram proprietários de grandes firmas familiares, de importação e de navegação, os que respondiam como cônsules, mesários, mordomos e também os farmacêuticos e médicos que atuavam na Santa Casa da Misericórdia, ainda em funcionamento. Em 1865, mesmo antes de alguns portugueses terem participado da instalação do Clube XV, junto a brasileiros, o grupo germânico fundou um espaço associativista vocacionado aos seus encontros, às reuniões de interesses particulares e às atividades de lazer dos seus, de início, 90 sócios, denominado Clube Germânia – Sociedade Alemã Recreativa, situado no centro urbano (CAMARGO, 2006). Essa entidade, inclusive, fora citada nos escritos do fotógrafo conhecido pelos seus retratos paisagísticos, o alemão Maurício Lamberg (1896, p. 320), na ocasião de sua passagem por esse litoral, em 1887: “[...] A cada passo ouve-se fallar alemão [...] o seu centro de reunião é um club, denominado ‘Germania’, como há em todas as grandes cidades do Brazil; mas que em alguns pontos é muito superior a muitos outros”.

Em coletividade, no mesmo solo de relações sociais, os imigrantes podiam revisitar as memórias e negociar os sentimentos alusivos à saudade, à nostalgia, ao pertencimento nacional e ao estranhamento cultural, assim como traçar projetos futuros, econômicos e/ou políticos, entre os pares. Os vínculos possibilitados pela comunicação interpessoal e intragrupal foram o elemento-chave sem o qual essas congregações sequer se esboçariam. Afinal, como postula Wolton (2011), a comunicação está diretamente atrelada à possibilidade da expressão mútua e do diálogo que vêm à tona na convivência em sociedade. Implica a interação dialógica entre interlocutores no espaço, que se reconhecem e constroem “as condições de convivência” (WOLTON, 2011, p. 18). Sodré (2001, p. 109), em perspectiva próxima à

de Wolton (2011), argumenta que o objeto de estudo da comunicação é a “vinculação social entre o eu e o outro, seja considerado do ponto de vista do indivíduo, seja do coletivo”. Vinculativa, a comunicação, portanto, opera uma lógica de produção e negociação de sentidos ancorada em conexões humanas de mútua afetação.

Ao fundarem as organizações de interesse político e cultural comunitário, os imigrantes acabaram por despoletar a produção de novos territórios de interação e convívio, que se instituíram por marcações resultantes das experiências relacionais da mobilidade humana no espaço. A cidade de Santos, nesse sentido, foi se (re)compondo como um histórico território de migrações (LISBOA, 2015), onde a multidimensionalidade do vivido (RAFFESTIN, 1993) passou a reunir, entre outras, as vinculações comunicacionais dos estrangeiros residentes nesse litoral, a exemplo dos portugueses e dos alemães.

É preciso considerar, entretanto, que assim como os alemães que moravam em Santos na década de 1870 ainda não integravam o fenômeno finissecular da “grande imigração” no Brasil, não se caracterizando, portanto, um fluxo massivo sistemático e regular, os franceses, espanhóis e ingleses também eram poucos em termos numéricos. Carvalho (1982), na primeira versão da coleção temática intitulada *Os Imigrantes*, conjunto de reportagens publicadas em edição comemorativa do jornal impresso A Tribuna, explica que os poucos franceses residentes nessa cidade em 1871, contabilizados em 75 indivíduos, eram proprietários ou mesmo funcionários de estabelecimentos de capital francês em operação na praça comercial santista. Quanto aos espanhóis, que em 1872 somavam 55 habitantes, há registros de alguns estabelecimentos comerciais em funcionamento desde 1852, mas só nas derradeiras décadas oitocentistas esses estrangeiros ultrapassariam uma centena de pessoas em Santos (CÁNOVAS, 2010).

Como negociantes e empresários, operários em obras particulares, escritores, aventureiros ou autoridades consulares, os ingleses, por sua vez, também se enquadravam nesses deslocamentos pontuais com diminuta representatividade numérica na costa litorânea paulista, como evidencia o recenseamento santista anteriormente citado. É incoerente conjecturar, entretanto, que a relevância desses sujeitos na estrutura física, econômica e cultural de Santos tenha sido igualmente

débil. Agentes importantes da cidade portuária em expansão, um grupo de ingleses atuou na instalação da linha férrea da *São Paulo Railway*, popularmente conhecida como a “Inglesinha”, nas obras de infraestrutura urbana da Companhia City, na *Western Telegraph Company*, nas atividades de navegação e em outras empresas de origem britânica, segundo a pesquisadora Carina Pedro (2010). Dessa participação na dinâmica territorial local, que inclusive estimulou a fundação do *Santos Athletic Club*, em 1889, posteriormente conhecido como Clube dos Ingleses, ainda hoje em funcionamento, deriva a criação de agências bancárias de companhias inglesas (PEDRO, 2010) naquele centro urbano que alcançaria, progressivamente, inegável destaque no cenário econômico nacional.

Com efeito, em meados de 1880, o cenário demográfico e associativista em Santos passou por abrupta reconstituição, decorrente da chegada de milhares de imigrantes, sobretudo europeus, que fizeram desse território de vínculos multiculturais a sua morada, transformando-o.

3 A GRANDE IMIGRAÇÃO E A NECESSIDADE DE (SE) COMUNICAR A (PELA) MEMÓRIA

Com o declínio da produção nas regiões cafeeiras do Vale do Paraíba e do Litoral Norte, como Ubatuba e São Sebastião, e com a procedente marcha dos cafezais para o Oeste de São Paulo (PRADO JÚNIOR, 1989), grande parte da comercialização do mais importante produto do então Império brasileiro, o café, centralizou-se no porto santista. Foi com a ampliação e o incremento das lavouras cafeeiras do interior e a necessidade de aparelhamento desse porto para a exportação dos grãos que Santos, bem como outros conglomerados populacionais dessa região provincial, viu suas composições urbanísticas e sociais se remodelarem, se legitimando como polo de recepção e concentração de imigrantes.

Isso porque o contingente de escravos africanos que, na primeira metade do século 19, trabalhava nas lavouras canavieiras e na incipiente plantação de café, pouco a pouco, passou a ser substituído pela mão de obra estrangeira originária, principalmente, do continente europeu. Nesse contexto, é revelador que, em catorze anos, de 1872 a 1886, Santos tenha apresentado o primeiro saldo populacional positivo, de mais de 6 mil habitantes, cálculo considerável para a conjuntura histórica

da época; todavia, o que se verificou nos catorze anos subsequentes foi um avanço quantitativo que atingiu a proporção de mais de 200% no seu cômputo de habitantes, que se diversificava (FIBGE, 1900).

Frutuoso (1990), com relação ao povoamento deste município, afirma que, em 1891, quando a cidade dispunha do aparelhamento de parte de sua infraestrutura urbana básica, embora ainda bastante precária, viviam no município 23.055 portugueses, isto é, 20 mil a mais do que se registrou em 1872. Quanto aos espanhóis, expressiva corrente migratória que também teve como destino essa cidade paulista, houve a evolução de um quadro de 55 indivíduos para 8.491, nesse mesmo recorte temporal, ou seja, de 1872 a 1891. No cenário geopolítico e econômico da “grande imigração” a São Paulo, a princípio de origem italiana e, de imediato, de raiz ibérica, o coletivo de espanhóis em Santos fundou, em 1895, o *Centro Español*, conhecido inicialmente como *Casino Español* (RODRÍGUEZ, 2009).

Naquele mesmo ano, o Centro Português de Santos, logo denominado Real Centro Português, ganhou corpo e vitalidade na região central deste município, sendo que ambas as entidades, ainda em funcionamento, exerceram papel substancial no acolhimento, integração, representação política e cultural desses povos, que afluíam não apenas aos promissores latifúndios do Oeste paulista, mas que também elegeram o litoral como *locus* a ser territorializado na rota das migrações transoceânicas. A terceira nacionalidade que se fazia notória no agitado cotidiano santista de fins dos oitocentos dizia respeito à italiana, muito embora esse fluxo não tenha sido tão numeroso quanto os relacionados à Portugal e à Espanha.

Apesar da escassa literatura sobre a distribuição espacial dos italianos no litoral paulista, Firveda (1990) e Ramos (1990), em seus trabalhos monográficos de natureza bastante sumária, afirmam que muitos deles também passaram a residir em Santos, ainda que o grande contingente tivesse se dirigido às fazendas cafeeiras do interior do Estado, como mão de obra tida como prioritária pelas políticas de subvenção em vigor. Para auxiliar os recém-chegados e promover, pela comunicação, a integração entre o grupo nacional que permanecia nesse litoral, certamente composto por muito mais do que os dezoito indivíduos contabilizados em 1872, fundou-se em Santos, no ano de

1897, a *Società Italiana di Beneficenza*, também instalada no conglomerado urbano que se metamorfoseava nas cercanias do porto.

Nesse resgate histórico, as iniciativas de caráter associativista criadas e consolidadas na passagem do século 19 para o século 20 compuseram, assim como nos empreendimentos anteriores, um rico conjunto de conteúdos históricos que narraram e ainda expressam as marcas territoriais das migrações internacionais em Santos. E a tantas organizações é pertinente atribuir essa mesma importância, como o Gabinete de Leitura Luso-brasileiro, fundado em 1883; a *Deutscher Schulverein* ou Associação Escolar Alemã (1893); o Clube Atlético Lusitano, com data finissecular indefinida; a Sociedade Musical Colonial Portuguesa (1896); a *Società Italiana di Beneficenza* (1897), atual *Società Italiana di Santos*; a *Sociedad Española de Socorros Mutuos, Instrucción y Recreos de Santos* (1900), entre outras entidades, e são inúmeras, concebidas a partir de 1900.

Essa constatação revela que, além dos cônjuges, parentes, amigos próximos, que, na compreensão de Granovetter (1973), são os principais responsáveis pelo cultivo de laços sociais fortes entre os sujeitos, foram muitas as associações, igrejas, clubes que, lançando mão de práticas comunicacionais (encontros, reuniões, festividades, publicações etc), atuaram no acolhimento de seus conterrâneos e no fortalecimento de suas identidades. Os laços fracos com tais organizações, essenciais à composição das narrativas de vida dos imigrantes, podem ter sido determinantes no direcionamento das estratégias diárias levadas a cabo na obtenção de empregos, de moradia, na resolução de conflitos, de questões burocráticas, e para o atendimento às contingências de diversa ordem. Granovetter (1973) entende que as redes de comunicação pouco densas, como as que envolvem conhecidos, colegas ou instituições com as quais se mantêm relações pontuais, desempenham papel crucial no que diz respeito à circulação de informações e às possibilidades táticas de aproveitar certas oportunidades.

Ao contrário desses laços fracos, embora bastante funcionais, os laços fortes desencadeiam o fechamento individual na dinâmica própria aos interesses e valores particulares ao grupo do qual se faz parte, seja entre amigos íntimos ou na teia circumspecta dos familiares. A produção e o fluxo de informações, nessa acepção

(GRANOVETTER, 1973), ampliam-se quando os sujeitos interagem, ainda que esporádica e superficialmente, numa ampla malha social de contatos; ao passo que se restringem quando da imersão no grupo diminuto com o qual se tecem sólidos nexos comunicacionais.

As entidades de caráter étnico (VERMEULEN, 2005) caracterizam-se, pois, como territórios onde as práticas socioculturais da terra natal podem ser lembradas e revividas intensamente e de forma quase idealizada, sendo amparadas pela manutenção de laços comunicacionais, frágeis ou fortes, mas laços atrativos (SODRÉ, 2001), entre os imigrantes da mesma procedência geográfica. Essa vivência coletiva promove sociabilidades mediadas por representações de uma cultura, de uma nação, cujas referências atrelam-se a uma delimitação espacial que forja e/ou fortalece identidades, como bem adverte Haesbaert (2004). Na concepção deste autor, o fato de vivermos em um determinado espaço já nos identifica socialmente, sobretudo porque nele reconhecemos um sentido de lugar com base no qual agenciamos nossas ações, pela linguagem, por processos comunicacionais cotidianos, no seio das comunidades que integramos, entre elas, a vinculada à nação imaginada.

No caso dos imigrantes, ao se territorializarem no país de destino, instauram no espaço vias propícias à retroalimentação e solidificação de suas comunidades de pertencimento. Ou seja, mesmo que inicialmente desconhecidos uns dos outros no novo território, esses indivíduos desfrutam da possibilidade de se sentirem ligados entre si por um conjunto de códigos, simbologias e referenciais comuns à nação de origem. Anderson (2008) explica que a invenção da nação, como fenômeno recente, remete à realidade política europeia setecentista, quando os valores do Iluminismo impulsionaram a laicização e a perda de legitimidade dos reinos dinásticos. Desde esse período historicamente situado e datado, a agregação comunitária passou a repousar na ideia de que seus membros são agentes integrantes de uma história, de uma cultura, de um território e seus fundamentos de organização administrativa.

Nessa acepção, a nação ganha contornos de uma comunidade imaginada, simultaneamente delimitada no espaço e na quantidade de indivíduos, coesa e soberana na gestão política interna e nas suas relações com outras nações. Para Anderson (2008), as nações têm a necessidade de estabelecer e comunicar uma

identidade nacional que apresente fortes conexões semânticas com um passado remoto e que desperte, em sua população, mecanismos discursivos de identificação e de projeção coletiva, captando os anseios, esperanças e frustrações da vida em sociedade. Seus habitantes assimilam e, em certa medida, reproduzem um sistema de representações culturais no seio do qual se confere máxima relevância às estórias, às memórias, aos eventos históricos e a outras tantas narrativas, inclusive as de natureza épica, que lhes são recorrentemente contadas sobre a nação, por instrumentos comunicacionais e por instituições as mais diversas.

A invenção das tradições (HOBSBAWM; RANGER, 2012), inclusive, emerge como estratégia discursiva que intenciona a atemporalidade do sentimento de nacionalismo, ou melhor, a aceitação tácita da continuidade presente de um passado construído e legitimado como adequado, coerente. São hábitos e tradições perpassadas por várias gerações, sem que, diretamente, se conteste ou busque as origens de seus enredos, imaginados e cristalizados, no solo, pelo movimento das celebrações ritualísticas e pela reprodução dos mesmos discursos ideologicamente concatenados. Para a instauração e manutenção de sentidos sobre o nacionalismo, os vínculos comunicacionais, que precedem a técnica, asseguram o acolhimento do outro num compromisso social de vida e de morte, como nos lembra Sodré (2001).

Nessa linha de entendimento, Anderson (2008) conclui que o nacionalismo e seus desdobramentos de cunho político, cultural, econômico assumem, concomitantemente, a forma de uma consciência social com vigor emocional profundamente respaldado. Significa dizer que as lógicas comunitárias e afetivas, mediadas por fluxos comunicacionais, que mobilizam cada indivíduo em torno de memórias e de um imaginário comum sobre a nação ancoram-se em referenciais de tal magnitude que mesmo as subjetividades e as estruturas de pensamento são conduzidas a apreender, com naturalidade, esses artifícios discursivos de identificação nacional.

Particularmente no que diz respeito aos imigrantes, o fato de instituírem clubes de recreação e associações nos locais para onde se destinaram representa o ato de comunhão e coesão dessa identificação fraternal com a nacionalidade, em Santos. Daí que o território, inclusive o território de migrações, seja produto inacabado do vivido,

o bastião dos laços de afetividade e das identificações sociais; por isso mesmo, “[...] lembra as ideias de diferença, de etnia e de identidade cultural” (BONNEMAISON, 2002, p. 126). As iniciativas associativistas na Santos oitocentista são, pois, produto das dinâmicas de territorialização dos imigrantes nesta cidade e, portanto, são fruto dos vínculos comunicacionais que estabeleceram localmente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os territórios estão investidos de narrativas históricas e de uma plêiade de valores não apenas de ordem material e econômica; para além desses, que nos parecem incontestes, condensam em seu cerne um mosaico de significações de natureza afetiva, espiritual, ideológica, identitária. Nas composições territoriais urbanas, vive uma diversidade de grupos culturais cujas práticas comunicacionais cotidianas, entre elas, as que afixam a reprodução e/ou a redefinição de identidades, fazem sentido porque projetadas coletivamente no solo, o “cimento” de experimentações e territorialidades. São, precisamente, esses experimentos de territorialidade, assim entendidos como a consciência territorial dos grupos ou, em outros termos, as relações socioculturais sedimentadas em certos ambientes, os nexos responsáveis pelo afloramento quer das identidades individuais e coletivas, quer das “faces” concretas e simbólicas que constituem as paisagens das cidades, na sua compósita dimensão humana.

As primeiras entidades associativistas fundadas pelos imigrantes em Santos conferem provas da necessidade latente de compartilhar, territorialmente, o sentimento de pertencer a uma nação. Assim, seja no intuito de promover a integração e a assistência mútua entre seus conterrâneos, recém-chegados ou não, seja como iniciativa estratégica de se conclamar, num “chão” de relações de poder, uma certa visibilidade identitária e uma requerida representação política, o associativismo imigrante opera justamente como plataforma de interlocução e negociação de demandas relacionadas ao universo da subjetividade, das emoções, como também ao caráter religioso, cultural, linguístico da nação imaginada.

Entidades como as que foram identificadas pela historiografia e citadas neste estudo só existiram porque teias de comunicação foram articuladas por sujeitos cuja

intencionalidade, ao que tudo indica, era a de conferir sentidos múltiplos à sua vida no novo território que, então, também passariam a “fabricar”. Esses espaços de relações assumem diferentes “faces” e significados de acordo com as diferentes vivências dos indivíduos e dos grupos que os controlam e os habitam, perdendo, no todo ou em partes, o seu qualificativo funcional e semântico assim que deixam de territorializá-los, interrompendo a projeção de vidas que, neles, se firma socialmente. Desse modo, são instituições que figuraram como um *lócus* do vivido, na complexa experiência de ser e de se sentir imigrante. Traços arquitetônicos, cores, imagens, sons, cheiros, linguagens, rituais, conflitos, agendas festivas são elementos que, por si só, comunicam a natureza e a relevância dessas entidades oitocentistas, algumas ainda em funcionamento, congregando coletivos migratórios de distintas temporalidades.

Em Santos, os portugueses, alemães, espanhóis, ingleses, entre outras tantas nacionalidades, protagonizaram a transformação dos espaços que abrigariam os seus cotidianos e suas projeções futuras, acessando frequentemente a memória coletiva, os enredos imaginários e demais narrativas que parecem constituí-los em termos identitários. Sob múltiplos ângulos, os vínculos comunicacionais afixaram a territorialização dessas sociabilidades mediadas institucionalmente. No campo da Comunicação Organizacional e/ou nas linhas de investigação sobre Comunicação e Cidades ou Comunicação e Territorialidades, pesquisas futuras que resgatem e analisem, pelo acesso a fontes documentais, as estratégias, discursos, instrumentos de comunicação (reuniões formais, encontros festivos e informais, cultos religiosos, eventos comemorativos oficiais, identidade visual, boletins informativos, fotografias, cartazes, atas, etc) mobilizados por essas entidades podem ser um rico contributo para a historiografia acerca do associativismo imigrante em Santos e sobre a formação desse território multicultural.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BASSANEZI, Maria Silvia C. B. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Campinas: FNUAP, 1996.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132. (Série Geografia Cultural).

CAMARGO, Haroldo Leitão. Santos, Alemães e o Cemitério Protestante: Colônias estrangeiras e Patrimônio cultural. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo**, Universidade Católica de Santos, Santos, outubro de 2006, não paginado. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=83>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CANOVAS, Marília Dalva Klaumann. Espanhóis na Santos da *belle époque*: o espaço expressão da contradição. Resultados preliminares de uma pesquisa. **Maracanã**, Programa de Pós-graduação em História, IFCH/UERJ, v. VI, n. 6, jan/dez. 2010, p. 97-122.

CARVALHO, Beth Capelache de. **Os imigrantes**. A Tribuna, 12 de junho 1982. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0150.htm>>. Acesso em: 04 mar. 2022.

FIBGE. **Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1872**. Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1872.

_____. **Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1900**. Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1900. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/4/browse?value=Censo+demogr%C3%A1fico%2C+Brasil%2C+1900&type=subject> Acesso em: 10 out. 2022.

FIRVEDA, Jurema Nicolosi. **Società Italiana di Santos: 1897-1990**. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em História) – Universidade Católica de Santos, Santos, 1990.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. **Imigração portuguesa e sua influência no Brasil: o caso de Santos -1850 a 1950**. 162f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e sonhos: cultura política e hegemonia progressista em Santos, 1945-1962**. Santos: UNESP/PMS, 1995.

_____. A saga dos clubes em Santos. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo**, Universidade Católica de Santos, Santos, maio 2005, não paginado. Disponível em: <http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=29>. Acesso em: 10 out. 2022.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, 1973, 1360-80. Disponível em: <http://www.itu.dk/courses/DDKU/E2007/artikler/Granovetter-%20Weak%20Ties.pdf> Acesso em: 10 jan. 2021.

HAESBAERT, Rogerio. **O mito da desterritorialização: do “Fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terance (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

- KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1972.
- LAMBERG, Mauricio. **O Brasil**. Ilustrado com Gravuras. Rio de Janeiro: Lombaerts/Typographia Nunes, 1896.
- LANNA, Ana Lucia Duarte. **Uma cidade na transição: Santos, 1870/1913**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- LICHTI, Fernando Martins. **Polianteia santista**. Vol. 3. São Vicente. Editora Caudex, 1996.
- LISBOA, Wellington Teixeira. **Santos, em duas viradas de século (do século 19 ao século 20 e do século 20 ao século 21): dinâmicas de configuração social do território de migrações internacionais**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- PEDRO, Carina Marcondes Ferreira. **Casas importadoras de Santos e seus agentes: comércio e cultura material (1870-1900)**. 2010. 119f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- PEREIRA, Maria Aparecida Franco; FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. Os trabalhadores portugueses na cidade portuária de Santos, no final do século XIX. In: SOUSA, F. de; MARTINS, I.; MATOS, I.. (Org.). **Nas duas margens: os portugueses no Brasil**. 1ª ed. Porto-PT: Edições Afrontamento, 2009, p. 95-120.
- PESAVENTO, Sandra. Cidades Visíveis, Cidades Possíveis, Cidades Imaginadas. **Revista Brasileira de História**, vo. 27, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BXNmGmrvkWDkdVR4VPskmLJ/?lang=pt#:~:text=Cidades%20vis%C3%ADveis%2C%20cidades%20sens%C3%ADveis%2C%20cidades%20imagin%C3%A1rias,unidades%20de%20tempo%20e%20espa%C3%A7o> Acesso em: 07 jun. 2022.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **A cidade de São Paulo: geografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1993.
- RAMOS, Márcia Campelo de Souza. **A imigração italiana em Santos: 1888-1940**. Monografia (Pós-graduação Lato Sensu em História) – Universidade Católica de Santos, Santos, 1990.
- RODRÍGUEZ, Juan Andrés Blanco. Emigración y asociacionismo español em Brasil. SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; MATOS; Isilda. **Nas duas margens: os portugueses no Brasil**. Porto: Afrontamento, 2009. p. 189-212.
- SANTOS. Prefeitura Municipal. **Recenseamento da cidade e município de Santos em 31 de Dezembro de 1913**. 1914. Disponível em: Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0296a01.htm>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- SANTOS, Francisco Martins dos; LICHTI, Fernando Martins. **História de Santos: Poliantéia Santista**. 2. ed. São Vicente. Caudex, 1986.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

SODRÉ, Muniz. Objeto da comunicação é a vinculação social: depoimento. [2001]. **Revista PCLA**. Entrevista concedida à Desirée Rabelo. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm> Acesso em: 12 maio 2012.

TOURAINÉ, Alain. ¿Que és una sociedad multicultural? Falsos e verdadeiros problemas. **Revista Claves de RazónPráctica**, Madrid, Progreso, out\1995, n. 56. p. 14-25.

TRUZZI, Oswaldo.; BASSANEZI, Maria Silva C.B. Processos migratórios e 'assimilação'. São Paulo e Santa Catarina (1920 e 1940). In: BAENINGER, R.; DEDECCA, C. S. (Orgs.). **Processos Migratórios no Estado de São Paulo**: estudos temáticos (Por dentro do Estado de São Paulo, v.10). Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2013. p. 47-61.

VERMEULEN, Floris Freek. **The immigrant organising process**: the emergence and persistence of Turkish immigrant organisation in Amsterdam and Berlin and Surinamese organisatios in Amsterdam (1960-2000). Amsterdam: University Amsterdam, 2005.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

SOBRE O AUTOR

Wellington Teixeira Lisboa

Docente no Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3788616620601446>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8941-874X>

E-mail: wtlisboa@yahoo.com.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

LISBOA, Wellington Teixeira. Comunicar a memória e a identidade nos territórios da cidade: por uma narrativa das migrações históricas em Santos/SP. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 13, n. especial, p. 59-76, dez. 2022.

DOI: 10.36517/psg.v13iesp.80887.

RECEBIDO EM: 15/06/2022

ACEITO EM: 17/08/2022

PUBLICADO EM: 31/12/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional